

AS MULHERES E O PARTO MIDIATIZADO: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DAS CELEBRIDADES

[ARTIGO]

Camila Rabelo Coutinho Saraiva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Maria Angela Pavan

Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

As ferramentas de busca na internet são uma das primeiras fontes de informação sobre qualquer assunto atualmente. O parto enquanto prática social reflete a realidade midiaticizada. Neste artigo, é feita uma análise dos principais resultados de termos de pesquisa utilizados no Google Search que evidenciam o parto como um assunto que ganhou destaque no cotidiano da população e da mídia. Com uma breve análise do discurso de notícias em sites sobre o parto de Ivete Sangalo, Kate Middleton e Eliana, é possível verificar como o assunto vem sendo tratado pela mídia, demonstrando como a própria sociedade encara o tema. Para realizar este artigo, utilizamos as bases teóricas de Patrick Charaudeau, Eni Orlandi e Maria Immacolata Vassallo de Lopes.

Palavras-chave: Parto Midiaticizado. Análise do Discurso da Mídia. Celebridades. Internet.

Web search tools are currently one of the first sources of information on any subject. Childbirth, as a social practice, reflects the mediatized reality. In this article we analyze the main results of search terms in Google Search, which show that childbirth is a subject that has gained prominence in the population's and media's routine. From a brief analysis of the news discourse on websites about Ivete Sangalo's, Kate Middleton's and Eliana's delivery, we can verify how the subject has been treated by the media, reflecting how society itself views the theme. We based this article propositions on theorists Patrick Charaudeau, Eni Orlandi and Maria Immacolata Vassallo de Lopes.

Keywords: Mediatized Delivery. Media Discourse Analysis. Celebrities. Internet.

Las herramientas de búsqueda en la Internet son una de las primeras fuentes de información sobre cualquier tema en los días actuales. El parto como práctica social refleja la realidad mediática, siendo influenciado medios y también ejerciendo impacto en la vida de las personas. En este artículo se hace un análisis de los principales resultados de términos de búsqueda utilizados en *Google Search* que evidencian que el parto es un asunto que ha ganado destaque en el cotidiano de la población y los medios. Con un breve análisis del discurso de noticias en sitios sobre el parto de Ivete Sangalo, Kate Middleton y Eliana, es posible verificar cómo el asunto viene siendo tratado por los medios, evidenciando la manera que la sociedad encara el tema. Para la realización de este artículo utilizamos los siguientes teóricos Patrick Charaudeau, Eni Orlandi y Maria Immacolata Vassallo de Lopes.

Palabras clave: Parto Mediático. Análisis del Discurso Mediático. Celebridades. Internet.

Introdução

Gestar e parir é algo tão simples e comum na nossa história social. O parto existe para todos, mas pouco se fala de suas especificidades, que são guardadas a sete chaves até mesmo no mundo das celebridades. A internet ocupa lugar privilegiado, pois se constitui atualmente em uma nova forma de representar nossas práticas sociais, e nela encontramos novos meios e ferramentas de interação, produção de conteúdo e uma maneira polifônica de enxergar a sociedade. Esse espaço constituído por meio da circulação de informações é o que Lévy (1999) chama de “ciberespaço”.

A internet não está crescendo apenas em número de usuários, mas suas aplicabilidades também estão se diversificando, se fortalecendo como local de criar laços de amizade discutir assuntos historicamente importantes. Como afirma Silverstone (2002), devemos estudar a mídia pois ela tem papel preponderante na experiência cotidiana. Ela faz com que sejam aguçadas emoções, reflete os anseios da população e constrói as narrativas das experiências cotidianas. O autor propõe que ela seja vista não como um sistema, um conjunto de tecnologias, mas um processo social, de midiaticização.

Essa também é a reflexão de Castells (2013) que, a partir da descrição de movimentos sociais em rede, mostra a possibilidade de sugerir hipóteses que podem identificar para onde direcionam as mudanças da nossa época. Lopes (2014) explica que a comunicação contemporânea é acompanhada de uma maior complexidade e, para

entender suas mudanças, precisamos estar atentos às pesquisas, gestos e falas do cotidiano. Nesse contexto, pode-se dizer que o parto passou a ser um evento midiaticizado, considerando que a prática social é diretamente afetada pelo funcionamento e presença da mídia. “A lógica da mídia impõe-se à sociedade como um todo e torna-se parte do tecido social. O fenômeno midiático, e, portanto, a midiaticização, são por isso tão importantes” (Ibidem, p. 76).

Nos últimos anos, a mídia tem dado visibilidade a diversos movimentos sociais, dentre eles, o que luta por mudanças no tipo de assistência ao parto praticada atualmente no Brasil (DINIZ, 2005). O fato de o parto ter ganhado posição de destaque na mídia e na sociedade faz com que as pessoas façam buscas sobre o assunto na internet. O Google é o mecanismo de buscas mais utilizado no mundo e permite que façamos pesquisas para acompanhar quais são as principais tendências, a partir da plataforma Google Trends. Por esse “buscador de tendências”, é possível verificar empiricamente que o assunto parto está sendo cada vez mais procurado no Brasil.

Utilizamos a ferramenta inicialmente com o termo de pesquisa “parto no Brasil de 2004 até o dia 23 de maio de 2018”, data em que foi feita realizada nossa busca. No início do período, o termo correspondia ao índice 45, e atingiu seu ápice (100) em julho de 2005, sendo que, quando este artigo foi redigido, ocupava a posição 92, o que evidencia que tem ganhado relevância para brasileiros.

Como este artigo faz parte de uma pesquisa de mestrado que investigará a

influência da comunicação na experiência do parto midiaticizado pela perspectiva das mulheres em Natal-RN, foi feita uma busca utilizando o Google Trends com algumas palavras-chave relacionadas ao tema: “parto”, “parto normal”, “parto humanizado”, “cesárea” e “gravidez de risco”.

O resultado da busca nos últimos 12 meses evidenciou que o assunto de uma forma geral está em alta na internet, variando o índice entre 77, em dezembro de 2017, e 100, quando atingiu a numeração máxima no dia 6 de maio de 2018, e se manteve em alta até o dia em que fechamos o artigo para esta revista (10 de maio de 2019).

Como resultado das pesquisas, é possível destacar dois aspectos que chamam a atenção. O primeiro se deve ao interesse que os usuários estão demonstrando em suas buscas no Google por aspectos práticos relacionados ao parto, por exemplo, ao associar a palavra “parto” a “calcinha-cinta pós-parto”, “parto cesariana passo a passo” e “como facilitar o parto normal”, entre outros. O segundo é a grande incidência de buscas sobre parto de celebridades na internet. “Parto” foi buscado juntamente com o termo “parto Ivete Sangalo”, que também apareceu junto ao termo “parto normal”, bem como “Kate Middleton parto normal” e “Eliana teve parto normal ou cesárea”.

Diante desse cenário, faremos a análise do discurso para entender o que é possível inferir a partir do tratamento que a mídia tem oferecido ao parto em sites de notícias. O interesse é relacionar a forma como as matérias construíram as narrativas sobre o parto das celebridades,

com o intuito de investigar sua relação com os lugares sociais que permitem seu surgimento e divulgação. Faremos um estudo, portanto, não dos funcionamentos textuais, nem da situação, mas do “que os amarra por meio de um dispositivo de enunciação simultaneamente resultante do verbal e do institucional” (MAINGUENEAU, 2015, p. 47).

O recorte escolhido para a análise do discurso neste artigo foi o parto das celebridades, pois, nessa vertente dos resultados da pesquisa no Google Trends, foi possível esmiuçar as notícias mais acessadas de cada um dos três exemplos citados acima. Cada uma das notícias analisadas neste artigo são as que aparecem no topo da lista no Google quando se pesquisa o nome das famosas, juntamente com a palavra “parto” na data do acesso deste trabalho. Para analisar, recorreremos a alguns conceitos de Foucault (1971) que se aplicam ao assunto tratado, bem como teóricos da análise do discurso, como Orlandi (2009), Charaudeau (2006) e Maingueneau (2015). Mesmo sendo de campos epistemológicos distintos, as duas linhas teóricas ajudarão a elucidar a discussão proposta.

França et al. (2014) destacam que cada época produz e cultua seus heróis a sua maneira:

Suas “entranhas” trazem as marcas da cultura de cada tempo; elas condensam os valores que estão em voga, que agregam a coletividade e movem a vida social. Também a relação que elas estabelecem com seu público, a maneira como elas os convocam e o seu poder de afeição são configurados pelo padrão de

sociabilidade vigente (FRANÇA et al., 2014, p. 8).

Por esses motivos, ao discutir sobre celebridades, se faz uma leitura da cultura contemporânea.

Muitos teóricos atentam como pessoas públicas foram retratadas pela mídia, primeiro no trabalho, que gera impacto social, e depois em suas vidas privadas, ao longo do século XX. Autores mais recentes definem que uma figura pública passa a ser celebridade a partir do momento em que a divulgação sobre suas realizações profissionais dá lugar a detalhes da sua vida privada. O jornalismo de celebridades, então, seria responsável por tornar um indivíduo estranho em um sujeito familiar.

A vida privada é o elemento principal do jornalismo de celebridade, orientando a incorporação dos fatos na narrativa como relatos que auxiliam na compreensão da vida social. Através de posicionamentos diante de temas comuns, os valores mobilizados pelo jornalismo de celebridade remetem-se às instituições dominantes da cultura (LANA, 2014, p. 190).

Nesse contexto é que analisaremos as notícias sobre o parto das celebridades, para evidenciar os mecanismos de estranhamento e aproximação que promovem por meio de seus textos com o público feminino.

Parto midiaticizado de Ivete Sangalo

Na matéria sobre o parto de Ivete Sangalo, é possível inferir que o assunto foi

bastante buscado na internet por fatores que vão além do fato em si, como a grande visibilidade que a cantora possui junto à mídia e o parto ter ocorrido durante o Carnaval de 2018, época em que os brasileiros sempre estão voltados para as escolas de samba e cidades que têm destaque na festa popular. Em função da gravidez, Ivete anunciou meses antes que, ao contrário dos últimos anos, não cantaria na festa baiana, da qual é uma das principais atrações. No entanto, com o parto das filhas gêmeas durante o período de folia, a cantora foi destaque na cobertura midiática, mesmo não estando nos palcos.

Vale ressaltar que a matéria mais acessada no Google sobre o parto de Ivete Sangalo foi publicada no portal do G1, que pertence ao Grupo Globo. A notícia foi publicada às 14h51, poucas horas depois do parto, que ocorreu por volta de 01h00 da manhã do dia 10 de fevereiro de 2018. A rapidez com que a notícia foi postada sugere que a edição do portal considerou que era um tema relevante e que precisava ser divulgado rapidamente. Essas características se referem às condições de produção, que se relacionam aos sujeitos e à linguagem. Segundo Orlandi (2009), o contexto imediato se deve às circunstâncias de enunciação (matéria publicada em site de notícia da Globo) e contexto amplo se refere ao contexto histórico, ideológico (se trata do parto de uma celebridade da música baiana, e que o acontecimento foi no carnaval).

O título da matéria traz uma citação da médica responsável pelo parto: “Choronas e espertas. Parto foi lindo” (MENDES, 2018). O fato de a médica, Luciana Vieira Lopes, ser a porta-voz

sobre o parto evidencia a relação de poder que se dá diante do parto no Brasil, pois o modelo de assistência é basicamente hospitalar e tem como figura central o médico. Quando ela diz que as bebês são “choronas e espertas”, a médica basicamente apresenta evidências de que o parto foi bem-sucedido e até emite um juízo de valor sobre o acontecimento, sem explicar o porquê da afirmação.

Como explica Charaudeau (2006), as mídias possuem uma dupla identidade, que por um lado desempenham a função de informadoras, e, portanto, respondem a demandas sociais por dever de democracia; por outro lado, são organismos que operam a partir de uma lógica comercial. Nesse caso, portanto, a notícia desempenha a função de oferecer informações sobre o nascimento das filhas de Ivete pelo fato de os produtores de conteúdo imaginarem que é um assunto de interesse para seu público. O título dado à matéria tem como função atrair o maior número de pessoas possível para lê-la. “Se as manchetes dos jornais são diferentes, é porque, para se diferenciar do concorrente, cada jornal deve produzir efeitos diferentes” (Ibidem, p. 59).

Logo no primeiro parágrafo da matéria, a médica é apresentada como a pessoa que “fez” o parto. Isso não é consenso em todas as linhas de abordagem sobre o parto, pois aqueles que são favoráveis à humanização do parto dizem que quem faz o parto é a mulher, cabendo ao médico a função de prestar assistência ao parto. A expressão é a mais comum no Brasil e, portanto, quando o repórter que redigiu a matéria a coloca no texto, está recorrendo a um senso comum, sem questioná-lo. É

o que Orlandi (2009) chama de memória discursiva ou interdiscurso, que coloca à disposição palavras que direcionam a maneira como o sujeito significa em uma dada situação.

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas palavras”. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele (Ibidem, p. 32).

Mesmo que não tenha dito explicitamente qual é sua concepção sobre parto, é possível entender que a obstetra não revelou como fez o parto, ou sua opção do parto, mas que continua perpetuando que o médico é quem se responsabiliza totalmente pela escolha do parto. O repórter repete o que todos sempre fazem: o parto correu tudo bem “sem intercorrências”. Sabemos que a opção primeira no Brasil é pelo parto de cesárea. Conforme aponta Luz (2014), fazer valer o direito da gestante de escolher como e onde dar à luz, munindo-a de informações para uma tomada de decisão consciente, é uma das principais bandeiras de um movimento feminino que cresce a cada dia no Brasil, principalmente por meio de redes sociais e blogs. Essa realidade é bem diferente em alguns países, que consideram o parto normal uma regra. Isso é mostrado, por exemplo, na série *Grey’s Anatomy* da emissora estadunidense ABC que, em seu 14º episódio da 14ª temporada, trata o parto cesárea como um problema para a mulher.

Diante dessa realidade, há um movimento internacional de mulheres

há mais de trinta anos para que haja um parto mais humanizado (DINIZ, 2005). No Brasil, esses grupos se autodenominam “Humanização do Parto”. O movimento defende o uso racional e apropriado da tecnologia na assistência ao parto e a qualidade na interação entre parturiente e seus cuidadores. O parto deve ser via cirurgia cesariana apenas em casos específicos e não ser indicado para grande parte das parturientes.

Voltando às notícias relatadas sobre o parto de Ivete Sangalo, é possível concluir que ali está imposto o caráter simbólico na experiência cotidiana do parto. Quando lemos o enunciado, tiramos conclusões a respeito dos fenômenos da cultura brasileira, que pensa que o parto de cesárea é algo tranquilo e uma das únicas opções para se ter um filho.

Em seguida, a notícia sobre o parto da Ivete Sangalo traz um trecho da fala da médica sobre o parto. “O parto foi lindo. Ivete chegou muito tranquila. O parto transcorreu sem intercorrência. As gêmeas nasceram lindas e saudáveis. As três passam muito bem” (MENDES, 2018). Nesse trecho, mais uma vez é apresentada uma visão pessoal da médica sobre o parto (“lindo”). Mostra também que o parto é tratado como um evento totalmente controlado pelo médico e prova do seu sucesso se deve à falta de imprevistos (“sem intercorrências”).

Diniz (2005, p. 629) descreve que, a partir da segunda metade do século XX, no modelo de parto dominante nos países industrializados, as mulheres “deveriam viver o parto (agora conscientes) imobilizadas, com as pernas abertas e levantadas,

com o funcionamento de seu útero acelerado ou reduzido, assistidas por pessoas desconhecidas”. Elas também estariam separadas de seus parentes, pertences, roupas, óculos, e seriam submetidas a uma cascata de procedimentos.

No Brasil, aí se incluem como rotina a abertura cirúrgica da musculatura e tecido erétil da vulva e vagina (episiotomia), e em muitos serviços como os hospitais-escola, a extração do bebê com fórceps nas primíparas. Este é o modelo aplicado à maioria das pacientes do SUS hoje em dia. Para a maioria das mulheres do setor privado, esse sofrimento pode ser prevenido, por meio de uma cesárea eletiva (Ibidem, p. 629).

O parto, a criação dos filhos e os procedimentos realizados estão sempre associados ao consumo no mundo cultural em que estamos inseridos. A mãe que gera fica tão imersa aos compromissos sociais e culturais do parto que esquece de pensar o próprio corpo e o parto. Precisa pensar em revelar o sexo do bebê em uma festa, depois pensar no quarto, nas roupas, nas festas que precedem o parto, nas lembrancinhas que serão ofertadas após o parto, nas visitas e nos eventos mensais (hoje em dia se comemora também os mensários do recém-nascido). E isso nunca vai parar no mundo do consumo, como McCracken (2003, p. 119) diz: estão “sempre em processo”, são os rituais de consumo no mundo culturalmente constituído. Para isso, McCracken cria um quadro que demonstra o movimento do significado do consumo. Podemos utilizá-lo quando o parto é tratado como forma de consumo e transformado em rituais sociais dentro desse mundo, descartando o corpo da mulher.

Este é o mundo da experiência cotidiana através do qual o mundo dos fenômenos se apresenta aos sentidos do indivíduo, totalmente moldado e constituído pelas crenças e pressupostos de sua cultura. Esse mundo foi conformado pela cultura de duas maneiras. A cultura detém as lentes através das quais todos os fenômenos são vistos. Ela determina como esses fenômenos serão apreendidos e assimilados. Em segundo lugar, a cultura é o plano de ação da atividade humana. Ela determina as coordenadas da ação social [...] enquanto lente, a cultura determina como o mundo é visto [...]. Imagens visuais e material verbal parecem assumir uma relação muito particular neste processo de transferência [...]. O material verbal funciona sobretudo como uma espécie de lembrete que instrui o espectador/leitor acerca das propriedades salientes que se supõe estarem sendo expressas pela parte visual do anúncio (Ibidem, p. 101).

Para Orlandi (2009), um dos fatores que determinam as condições de produção do discurso é a relação de sentidos. É ela que estabelece que não há discurso que não se relacione com outros discursos, isso é, o discurso direciona para outros que os sustentam. Todo discurso é considerado parte de um processo discursivo mais amplo, que o extrapola, sendo imaginado ou possível. Pelo mecanismo chamado de antecipação, todo sujeito se coloca no lugar do outro (seu interlocutor), prevendo o sentido que seu discurso produzirá. Dessa forma, ele modula a argumentação a partir do efeito que espera que vai gerar no ouvinte. O mundo mercantil está sempre atento ao lugar em que poderá entrar, deixa de lado as experiências cotidianas e o corpo da mulher torna-se um corpo midiático. “O mundo

dos fenômenos se apresenta aos sentidos do indivíduo, totalmente moldado e constituído pelas crenças e pressupostos da sua cultura” (MCCRACKEN, 2003, p. 101).

Como não há nenhuma outra informação sobre o porquê de a profissional ter considerado o parto “lindo”, é possível concluir que a beleza está relacionada ao fato de que não houve surpresas, que foi dentro do esperado e ela, portanto, corresponde à expectativa da repórter, do público e da sociedade de maneira geral com relação ao parto. Há um silenciamento do corpo da mulher, um corpo que tem que cumprir os rituais sem dizer muito. A fala também está relacionada à relação de forças: diz respeito ao lugar a partir do qual fala o sujeito e que constitui o que ele diz. “Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força sustentada no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na ‘comunicação’” (ORLANDI, 2009, p. 40).

Todos esses mecanismos operam a partir das formações imaginárias. Isso significa que não se referem a situações físicas, concretas, mas que os sujeitos se apoiam nas imagens que resultam de projeções. Essas projeções são o que permitem pensar as situações empíricas do lugar dos sujeitos para a posição dos sujeitos no discurso. Elas geram muitas e diferentes possibilidades regidas pela maneira como a formação social está na história. A médica de Ivete Sangalo aparece novamente no espaço notícia, diz que as bebês nasceram saudáveis e que passam bem como a mãe, o que reforça ainda mais a noção de previsibilidade do parto como um elemento atrelado a seu sucesso. Em seguida, é apresentado o horário do nascimento das gêmeas e a

informação de que o parto que já havia sido agendado para 12 dias depois, mas foi antecipado. Com o dado, se conclui que, mesmo sem ter concluído as 40 semanas de gestação, a cesariana já estava marcada.

Sem dar muitos detalhes, a notícia apresenta que as contrações foram o motivo para a cantora ter sido internada. Na sequência, a médica diz que Ivete entrou em trabalho de parto espontaneamente e que chegou alegre e tranquila na maternidade. Sem explicar o motivo, mesmo estando em trabalho de parto e estando bem psicologicamente, foi feita a cirurgia cesariana, a médica continua dizendo que ficou o tempo todo acordada. Outra informação apresentada na notícia é que o pai das crianças acompanhou o parto o tempo todo emocionado.

Além do conteúdo textual da notícia, há dois vídeos que foram postados juntamente e que fazem parte do corpus analisado. O primeiro foi reproduzido na página do Instagram de Ivete, no qual a cantora aparece dançando no hospital antes do parto, acompanhada do marido, familiares e amigos. Todos apresentam bastante alegria e animação, inclusive a cantora, que foi quem gravou e publicou a cena em sua página da mídia social. O vídeo foi publicado antes do parto e evidencia o bom estado físico e mental da gestante, corroborando a fala da médica sobre a forma como Ivete chegou ao hospital. Vale ressaltar que é o único espaço reservado na página da notícia que não foi protagonizado pela médica.

Inserido na posição central da notícia, também há um outro vídeo, que contém a entrevista da médica obstetra. Ao que tudo indica, as falas contidas no texto

foram extraídas do material audiovisual. Esse é o caso da parte em que a médica se coloca como porta-voz da Ivete Sangalo, dizendo que agradece o carinho do público e da imprensa. Quando questionada sobre o tempo que durou a gestação por uma repórter, a médica responde que foram 36 semanas. A mesma jornalista completa a pergunta: “foi um pouquinho antes?”, e a médica responde: “previsto para uma gravidez gemelar”. Tanto no caso da pergunta quanto da resposta, repórter e médica usam meias palavras para tratar de assuntos que naquela situação interacional se espera que haja um entendimento mútuo, implícito do que não foi dito.

Quando a repórter questiona sobre o adiantamento do parto, a pergunta é praticamente retórica, pois ela sabe que o tempo previsto de uma gestação é de 40 semanas. A médica, por sua vez, faz questão de evidenciar que, por se tratar de uma gravidez de gêmeas, há particularidades. Com a resposta curta e objetiva (“previsto gemelar”), ela demonstra que detém um conhecimento técnico que a repórter não domina, encerrando a discussão sobre o tema (MENDES, 2018).

Essa questão está relacionada ao que Foucault (1971) definiu como o discurso que se refere a uma determinada disciplina. Para o autor, disciplina não é feito apenas de tudo o que pode ser dito sobre alguma coisa, que pode ser enquadrado em uma coerência ou sistematicidade. Ela é construída historicamente tanto de erros quanto de acertos. No caso em questão, podemos pensar que o período considerado mais comum para uma gestação no Brasil é de 40 semanas, mas em países europeus se aguarda até 42 semanas, como é recomendado pela

Organização Mundial da Saúde (OMS). As suas concepções vão sendo formuladas e reformuladas constantemente por aqueles que fazem parte do seu horizonte teórico e, dessa forma, vão delineando o que pode ser considerado verdadeiro.

É sempre possível dizer o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem, mas não encontramos no verdadeiro senão obedecendo a regras de uma “política” discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos (Ibidem, p. 35).

Nesse sentido, a disciplina seria uma forma de controle de produção do discurso. No caso da notícia analisada, a médica, enquanto porta-voz, é tida como a detentora do conhecimento, e os repórteres legitimam essa posição de poder que ela ocupa. Questionada sobre o peso com que nasceram as bebês, a médica responde que cada uma pesava aproximadamente 2,5 kg. Respondendo à pergunta se as gêmeas estão no berçário, a médica diz: “Elas estão no protocolo habitual. Rotinas de observação. Procedimentos rotineiros de todo bebê que nasce” (MENDES, 2018). Com essas informações, ela não responde diretamente à pergunta (se estão ou não no berçário), mas faz questão de responder que as gêmeas de Ivete Sangalo estão recebendo o mesmo tratamento que os outros bebês recebem, mesmo sendo filhas de uma celebridade.

Ela não detalha quais são essas tais rotinas de observação, nem os procedimentos rotineiros, como se não fosse relevante saber, já que não cabem questionamentos sobre eles. Foucault (1971) destaca que outra questão está ligada a essa: a do autor. Ele

é entendido como o princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações como foco de sua coerência. “O autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real” (Ibidem, p. 28). Como quem fornece as informações sobre o parto é uma médica, existe uma crença do interlocutor que ela tem domínio sobre aquele assunto e, portanto, não se questiona se o que ela diz é verdade.

Uma repórter pede à obstetra que ela conte como foi o parto e, além das informações já tratadas previamente neste artigo, ela responde: “procedemos com as rotinas e protocolos habituais de assistência na obstetrícia”. A mesma jornalista insiste: “foi um parto tranquilo? Porque parto de gêmeos a gente sabe que tem aquela tensão”. A médica se limita a dizer que “foi muito tranquilo” (MENDES, 2018).

O termo “protocolo habitual” foi utilizado pela médica mais uma vez ao longo da entrevista para responder sobre questões técnicas, como o tempo de internação de Ivete, acrescentando que normalmente ocorre “em média três dias”. No entanto, não é consensual entre os profissionais o tempo mínimo necessário de permanência da mãe no hospital depois do parto.

Parto midiaticizado de Kate Middleton

No caso das matérias sobre o parto do terceiro filho de Kate Middleton, esposa

do príncipe inglês William, o enfoque dado ao texto é bastante diferente. A matéria gira em torno do tempo de internação da duquesa de Cambridge. O título (“Por que Kate Middleton saiu tão rápido da maternidade?”), em forma de pergunta, mostra a curiosidade sobre o tema e sugere que o ocorrido é bastante diferente da realidade brasileira (FORCIONI, 2018).

Kate voltou para casa apenas 6 horas depois do nascimento do terceiro filho, que ocorreu no dia 23 de abril de 2018 às 11h01. A matéria, publicada na Revista Crescer, especializada em assuntos relacionados à educação infantil, apresenta uma abordagem mais técnica do que a primeira analisada, com diversos entrevistados da área da saúde. Logo no primeiro parágrafo, é levantado se uma internação rápida como a da duquesa seria segura e possível no Brasil.

Na notícia, há a informação de que o fato de a saída ter sido rápida, gerou “estranheza em muita gente” (Ibidem); no entanto, não há nenhuma fonte que mostra esse estranhamento. Pode-se inferir que a expressão “muita gente” se refere ao público em geral, pessoas comuns que não são profissionais da área, já que, pela linha argumentativa adotada no texto, são ouvidas apenas as fontes chamadas de oficiais, os especialistas no assunto.

Foucault (1971) afirma que é possível fazer uma distinção entre os diferentes níveis do discurso. Ele caracteriza os discursos que são ditos no correr dos dias e das trocas, e que passam com o ato de quem os pronunciou. Os discursos que “estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos

que, indefinidamente, para além de sua formulação são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer” (Ibidem, p. 22).

Exemplos desse segundo tipo são os textos religiosos ou jurídicos, e por vezes os textos literários ou científicos. Apesar de se tratar de uma matéria jornalística que deveria traduzir o assunto para um público leigo, em alguns momentos, o texto apresenta vocabulário científico, próprio do discurso da medicina, como a palavra que aparece com frequência – “intercorrência” (FORCIONI, 2018). Palavra ritualística, é apresentada sempre na fala da obstetra de São Paulo, Camila Escudeiro, que afirma que sair tão rápido do hospital não traz risco para a mãe e o bebê. No entanto, ela destaca que é preciso avaliar as condições da gestação e o desenvolvimento do parto. Se ambos transcorrem “sem intercorrências”, não há a necessidade de uma internação mais longa.

Como Brandão (2006) explica a partir de Pêcheux, todo enunciado é linguisticamente descrito como uma série de pontos de deriva possível, oferecendo lugar à interpretação. O enunciado está sempre direcionando para o “outro”, que é o lugar da interpretação, da manifestação do inconsciente e da ideologia na produção de sentidos e na constituição dos sujeitos. É também quando interpretamos que damos lugar ao interdiscurso (o exterior), que possibilita a alteridade discursiva.

Mesmo que Kate Middleton tenha saído rapidamente da maternidade, a obstetra entrevistada para a matéria ressalta que é necessário um acompanhamento da mãe 24 horas após o parto. Na sequência, a matéria detalha algumas informações sobre como funciona o sistema público de saúde no Reino Unido para contextualizar que a

alta após poucas horas é o padrão adotado. Quando os partos são normais ou naturais, as mulheres são liberadas até 10 horas após o nascimento do filho, e 24 horas depois, a mãe e bebê recebem uma visita de um profissional da saúde. Nesse trecho, é usado o termo “protocolo” (FORCIONI, 2018) para caracterizar que este é o procedimento comum: seja princesa ou não, todos os partos são assistidos da mesma forma.

A reportagem também conta com a entrevista de uma brasileira que trabalha como obstetriz (*midwife*) no sistema de saúde público do Reino Unido. Ela explica que já acompanhou várias mães que também saíram da maternidade após 6 horas do nascimento do filho (Ibidem). A fala da obstetriz (*midwife*) adiciona um caráter de verdade ao texto, pois ela diz praticamente o mesmo que a médica obstetra brasileira; no entanto, dá um relato de uma experiência própria. O trecho pode ser relacionado ao conceito de vontade de verdade de Foucault (1971, p. 20):

O discurso verdadeiro, que a necessidade de sua forma liberta do desejo e liberta do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade que o atravessa; e a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de mascará-la.

Outro autor que trata sobre o tema é Charaudeau (2006), que diferencia o valor de verdade e o efeito de verdade. O primeiro está relacionado à construção explicativa elaborada por meio da instrumentação científica, que é externa ao homem, constituída de um conjunto de técnicas de saber dizer para comentar o mundo. Relaciona-se com um saber erudito, contido em textos fundadores. Já o segundo expõe o “acreditar ser

verdadeiro”. Ele se baseia em “convicção e participa de um movimento que se prende a um saber de opinião a qual só pode ser apreendida empiricamente, através dos textos portadores de julgamentos” (Ibidem, p. 49). O que o “efeito de verdade” evoca é a busca pela credibilidade, que dá ao enunciador o “direito à palavra” dos seres que comunicam, e as condições de validade da palavra emitida.

Em seguida, é feito um paralelo entre o sistema de saúde pública do Reino Unido, chamado de National Health Service (NHS), e o Sistema Único de Saúde (SUS). O ponto em comum entre os dois é o fato de a mulher ter direito à assistência antes, durante e após o parto. Na frase, “mas as semelhanças parecem parar por aí” (FORCIONI, 2018) é ressaltada a grande diferença entre os modelos britânico e brasileiro, como a posição central que a *midwife* ocupa na assistência ao parto.

No entanto, uma frase de impacto como essa opera como um divisor que mostra que são duas realidades bem distintas. Ela sugere que, mesmo não entrando em outros aspectos da diferença, há muito mais distâncias do que proximidades. Como o texto foi escrito para brasileiros que conhecem o Sistema Único de Saúde (SUS) e seus problemas estruturais e de orçamento, ao citá-lo, o autor do texto diz, sem precisar dizer, sobre a qualidade da assistência médica entre os dois países. Conforme explica Orlandi (2009), o que é posto no discurso traz consigo necessariamente o não dito, mas que está presente. O que não se diz está implícito, subentendido de acordo com o contexto do enunciado.

Segundo as informações contidas na reportagem, uma gravidez de baixo risco é

acompanhada pela parteira (*midwife*), pois é ela quem vai fazer as consultas pré-natais e solicitar os exames necessários. O médico só é acionado quando há o encaminhamento dessa profissional, que sugere um tratamento multidisciplinar, que pode ocorrer em parceria com enfermeiros e outros especialistas da área da saúde. Outra diferença é que, quando não há nenhuma complicação, as gestantes participam de cerca de 13 consultas, podendo ser acompanhadas por até 20 profissionais ao longo da gravidez. O parto também não é assistido por uma profissional que acompanhou a gestante durante as 40 semanas. É a *midwife* (parteira) quem vai avaliar se a mãe e o bebê têm condições de ir para casa logo após o parto. As intercorrências mais comuns segundo a reportagem são sangramentos ou dificuldades na amamentação. Nesses casos, a permanência na maternidade é prolongada. No texto é explicitado que, no Brasil, geralmente um único profissional acompanha a gestação e isso acontece no pré-natal. Na sequência, o texto destaca que as cesarianas só são realizadas em dois casos específicos: se houver cesariana anterior ou em emergências. O destaque faz referência a algo que está fora do texto, mas que o público brasileiro já sabe: o fato de o Brasil ser um dos campeões em número de cirurgias cesarianas em todo o mundo, com índices que chegam a 60%, contrariando os 15% de recomendação da OMS. Nos casos de cirurgias cesarianas no Reino Unido, a mãe permanece no hospital entre 24 e 48 horas.

No último parágrafo do texto, há uma fala da obstetra brasileira dizendo que seria possível uma alta rápida como a de Kate no país, porém, devido ao tipo de parto mais utilizado (cirurgia cesariana), isso não acontece. Ela explica que normalmente as mães e bebês permanecem em ambiente hospitalar

por 24h ou 48h para que se faça o teste do pezinho e para atender a interesses financeiros dos hospitais, que lucram com mais tempo de internação (FORCIONI, 2018).

Parto midiaticizado de Eliana

A notícia do portal UOL de 10 de setembro de 2017 sobre o nascimento de Manuela, filha da apresentadora de televisão do SBT Eliana, tem um gancho bem diferente. Pela estrutura narrativa do texto, o interesse no nascimento se dá pelo fato de a celebridade ter passado por uma gravidez de risco com a recomendação médica de ficar em repouso grande parte da gestação para “salvar a filha” (ELIANA..., 2017).

A matéria pode ser classificada como uma notícia, pois é um conteúdo jornalístico curto e que tem como principal objetivo anunciar um fato. Como explica Maingueneau (2015), o discurso só tem sentido dentro de um interdiscurso. Isso quer dizer que qualquer interpretação de enunciado só é possível quando se faz uma relação com outros enunciados que se relacionam a ele de diversas maneiras. Para o autor, por exemplo, o simples fato de se organizar um texto em um gênero implica relacionar com outros textos do mesmo gênero. “A menor intervenção política só pode ser compreendida se ignorarem os discursos concorrentes, os discursos anteriores e os enunciados que então circulam nas mídias” (Ibidem, p. 28).

O grande feito, então, é o fato de ter chegado ao fim da gestação e a criança ter

nascido com saúde e sem sequelas. Não é oferecido ao leitor nenhum detalhe sobre o parto (com quantas semanas de gestação ocorreu, qual foi a via de nascimento, nem se a apresentadora entrou em trabalho de parto). A notícia é superficial também quanto ao que seria a “gravidez de risco” enfrentada pela apresentadora. A única informação é de que Eliana teve um deslocamento de placenta no início da gravidez. Aparentemente, a mãe não é entrevistada pelo repórter e grande parte dos dados foi extraída de uma entrevista concedida à revista *Contigo*. Ao que tudo indica, o único dado novo acrescentado na entrevista foi o nascimento.

Pode-se inferir que a matéria foi produzida dessa forma, sem que a pessoa em questão fosse entrevistada, devido ao período de recuperação do parto. Esse fator está relacionado às condições de produção do discurso, que se associam aos sujeitos e à situação (ORLANDI, 2006). Essas condições em termos restritos e as circunstâncias de enunciação dizem respeito ao contexto imediato. Esse é um fator externo ao discurso, mas que influencia diretamente no resultado. Não se pode deixar de lado também a memória, que aciona as condições de produção de discurso. Nesse caso, o contexto imediato é o nascimento da filha de Eliana, suas condições de saúde, a matéria publicada sobre o parto em um site de notícias de celebridades. O contexto amplo é o fato de a sociedade tratar a mãe como aquela que se sacrifica pelos filhos, a boa, que se entrega, o fato de o parto ser visto como um momento “perigoso”, no qual se deve proteger a gestante e a criança. A construção narrativa mostra que a tecnologia é considerada como salvadora de mães e bebês, prevendo qualquer risco e permitindo um nascimento

sem surpresas. Martin (2006) aponta que a tecnologia pode operar também como ferramenta de dominação e poder social em diversos tipos de situações sociais, e no parto não poderia ser diferente.

Martin (2006) relaciona essa abordagem ao fato de que grande parte do que existe na literatura médica sobre o assunto trata o corpo da mulher como uma máquina. Dessa forma, o principal objetivo da “máquina-corpo” é produzir, no caso, um bebê perfeito. A metáfora é bastante significativa e condiciona toda a lógica que rege o modelo de assistência médico/hospitalar em vigência em várias partes do mundo, inclusive, no Brasil. A partir dessa concepção, a forma como os manuais de obstetrícia trata o parto segue uma lógica mecanicista, na qual os mecanismos, prazos e ocorrências esperadas devem acompanhar parâmetros muito bem delimitados, e o objetivo de uma gestação é produzir um produto (bebê) perfeito.

Em suma, o imaginário médico justapõe duas imagens: o útero como máquina que produz o bebê e a mulher como a trabalhadora que produz o bebê. Em alguns momentos, as duas talvez se juntem, de maneira consistente, como a mulher-trabalhadora cujo útero-máquina produz o bebê (Ibidem, p. 117).

A memória se relaciona a tudo o que já foi dito sobre partos, riscos na gravidez, casos de mães que perderam seus bebês ou a própria vida, entre outros. “A memória [...] é tratada como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente” (ORLANDI, 2006, p. 31). O autor explica, ainda, que o fato de haver um “já dito” sustenta a possibilidade de todo

dizer, o que é um fator fundamental para a compreensão do funcionamento do discurso, a relação com os sujeitos e com a ideologia. O assunto é apresentado sem detalhes e com um tom grave, reforçado pelo fato de a Eliana ter sofrido um aborto espontâneo antes da gravidez de Manuela, que não foi divulgado à época. Ela deixa claro que o nascimento da filha é visto como uma superação não só das dificuldades durante a gravidez, mas também da perda anterior. “Dar à luz a Manuela depois de tantas provações tem um significado especial em minha vida” (ELIANA..., 2017).

É possível relacionar esse enunciado ao conceito de Maingueneau (2015), de que o discurso constrói socialmente o sentido. Essa construção pode ser tanto em interações orais quanto em produções coletivas destinadas a um público amplo. No caso das matérias, estamos falando do segundo caso.

O sentido de que se trata aqui não é um sentido diretamente acessível, estável, imanente a um enunciado ou a um grupo de enunciados que estaria esperando para ser decifrado: ele é continuamente construído e reconstruído no interior de práticas sociais determinadas. Essa construção do sentido é, certamente obra de indivíduos, mas de indivíduos inseridos em configurações sociais de diversos níveis (Ibidem, p. 29).

A matéria foi publicada juntamente com uma imagem da capa da revista *Contigo*, que traz a apresentadora exibindo a barriga com uma expressão serena. No caso, a mãe que segura a filha após o nascimento está com o cabelo bem arrumado, maquiada e sorrindo para câmera. O texto é curto e com poucas informações, sem entrevistas com

apresentadora. Mesmo assim, como esclarece Charaudeau (2006), é possível chegar a conclusões, pois não há “grau zero de informação”, que seria a ausência de todo implícito e todo valor de crença. Apenas a informação puramente factual, como os programas de teatro, cinema ou outras manifestações culturais, anúncios e classificados.

Considerações finais

A partir da análise do discurso construída nessas três gestações e partos, é possível refletir que o assunto e suas variáveis ganham visibilidade na mídia brasileira. As celebridades mostram o parto midiático. Há um movimento que busca uma nova abordagem para o parto, baseado em evidências científicas e uma assistência multiprofissional. Grande parte da assistência ainda é hospitalar e centrada na figura de um único médico. As reportagens que foram expostas neste artigo, todas retiradas da internet, mostram as diferenças com que o Brasil trata as gestantes e seus partos. As matérias analisadas evidenciam também que, de uma forma geral, essa é a concepção tida como dominante e, portanto, apresentam matérias que não tratam todas as perspectivas necessárias sobre o parto. Somente a matéria de Kate Middleton trouxe para os leitores uma explicação sobre o processo do parto. A figura da obstetrix é fundamental na Inglaterra e permite que as gestantes sejam atendidas de forma eficiente. Já no Brasil, pelo contexto cultural e pela cultura hospitalar (internação, cesarianas e o médico como figura principal do parto), as informações são sempre repetitivas,

regulares e sequenciais. Não há quebra dos padrões ritualísticos. Os casos que fogem desse cenário são vistos com espanto e suscitam uma abordagem mais aprofundada para informar aos leitores que existem outras possibilidades de escolhas diante do parto. A análise das informações a respeito do parto nas redes sociais pode colaborar com uma mudança na forma de cobertura e no conteúdo sobre o assunto. Esses textos e discursos são pequenos resquícios da nossa realidade. São necessários muitos trabalhos sobre esse assunto para que reverberem outras narrativas na órbita das redes sociais.■

[CAMILA RABELO COUTINHO SARAIVA]

Mestranda da Pós-Graduação em Estudos da Mídia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). É membro do grupo de pesquisa “Pragmática da Comunicação e Mídia” (Pragma – CNPq). Realiza pesquisa com temática relacionada ao Procad/Capes (UFRN, Universidade de São Paulo e Universidade Federal de Mato Grosso do Sul).
E-mail: camilarcoutinho@gmail.com

[MARIA ANGELA PAVAN]

Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e da Pós-Graduação em Estudos da Mídia da UFRN (PPGEM). Vice-coordenadora do Grupo de Pesquisa Pragmática da Comunicação e Mídia (Pragma – CNPq). Coordenadora do Procad/Capes (UFRN, Universidade de São Paulo e Universidade Federal de Mato Grosso do Sul).
E-mail: gelpavan@gmail.com

Referências

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

DINIZ, Carmen Simone Grilo. Humanização da assistência ao parto no Brasil: os muitos sentidos de um movimento. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 627-633, 2005.

ELIANA dá à luz Manuela após gestação complicada. **F5**, São Paulo, 11 set. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2OkLVQa>. Acesso em: 23 maio 2018.

FORCIONI, Giovana. Por que Kate Middleton saiu tão rápido da maternidade? **Crescer**, Rio de Janeiro, 3 maio 2018. Disponível em: <https://glo.bo/2YjxLmc>. Acesso em: 23 maio 2018.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 1971.

FRANÇA, Vera; FREIRE FILHO, João; LANA, Lígia; SIMÕES, Paula (org.). **Celebridades no século XXI**: transformações no estatuto da fama. Porto Alegre: Sulina, 2014.

LANA, Lígia. Jornalismo de celebridade, interesse humano e representações femininas na contemporaneidade. In: FREIRE FILHO, João; COELHO, Maria das Graças Pinto (org.). **Jornalismo, cultura e sociedade**: visões do Brasil contemporâneo. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 174-192.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Mediação e recepção: algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. **Matrizes**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 65-80, 2014.

LUZ, Lia Hecker. **O renascimento do parto e a reinvenção da emancipação social na blogosfera brasileira**: contra o desperdício das experiências. 2014. 156 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2015.

MARTIN, Emily. **A mulher no corpo**: uma análise cultural da reprodução. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. (Coleção Sexualidade e Cultura).

MCCRACKEN, Grant. **Cultura e Consumo**: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

MENDES, Henrique. 'Choronas e espertas. Parto foi lindo', diz médica de Ivete sobre nascimento de gêmeas na Bahia. **G1**, Rio de Janeiro, 10 fev. 2018. Disponível em: <https://glo.bo/2EjOTgg>. Acesso em: 23 maio 2018.

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2009.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.